

Exercer mais pressão, tese de Bresser

**Da sucursal de
PORTO ALEGRE**

Alguns banqueiros internacionais começam a falar em cancelamento parcial da dívida, considerando a impossibilidade de alguns países saldarem seus compromissos, informou ontem, em Porto Alegre, o presidente do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), Luís Carlos Bresser Pereira, defendendo a necessidade do governo exercer uma maior pressão ante seus credores: "Acontece que se prometeu demais; redução de 50% do déficit público, baixar a inflação para 70%, obter um saldo de US\$ 6 bilhões na balança comercial, e, agora, não se consegue cumprir o prometido. Acho que já estamos fazendo demais", disse ele.

Mas, para renegociar a dívida externa, acrescentou, "o governo tem que ter legitimidade, representatividade, pois quando se ameaça com um novo presidente, por mais seis anos, eleito por este colégio eleitoral, o que se pode esperar é um prolongamento da crise. O fundo do poço está longe", frisou ele. Para Bresser Pereira, os banqueiros internacionais devem compreender que o País não pode deixar de crescer: "Certamente não podemos mais manter aquelas taxas de 10% ao ano, mas precisamos crescer alguma coisa. Sobre isso não há dúvida alguma", advertiu.

Se a alternativa para a dívida externa está na renegociação, internamente Bresser Pereira admite que a solução está no cancelamento das dívidas e no fim da indexação, com a supressão parcial da correção monetária, o que considera o caminho adequado: "É razoavelmente justo que credores que ganharam tanto agora restituam uma parte", afirmou ele.

"Temos hoje, no País, dois grupos, credores e devedores — observou — e o que precisamos é fazer com que os credores restituam uma parte do que ganharam, que foi muita coisa. A eliminação da correção monetária contribuirá para baixar a taxa de juros, reduzir a inflação e a dívida interna. Isto já foi feito nos aluguéis. Agora se fará no crédito, com o credor passando a ter um juro real negativo", explicou.

PAGAR A DÍVIDA

O superintendente da Volvo do Brasil, Tage Karlsson, afirmou ontem, em Porto Alegre, que não é possível que o Brasil pague uma dívida externa de praticamente 90 bilhões de dólares com fome e defendeu a tese de que "o País precisa de uns 20 anos de prazo para cumprir com esse compromisso, assim mesmo com juros mais cômodos e com dois ou três anos de graça — ou seja, de carência". Quanto a se essa proposta é de uma moratória ou não, Karlsson preferiu não especificar. Ele acredita que o Brasil só vai conseguir pagar sua dívida "com trabalho, e não com desemprego. Por isto, precisa de tempo para reativar sua economia e colocar seu crescimento em ordem".